

Apresentação

Na estrita continuidade do nosso número anterior, publicamos neste um segundo dossiê em torno do cineasta e antropólogo Jean Rouch (1917-2004). Já apontei na apresentação daquele número o interesse antigo dos editores da revista pela obra e pela figura de Rouch, sobre o qual vários deles já haviam, em diversos momentos de seus respectivos itinerários intelectuais, escrito comentários, ensaios inteiros e até mesmo capítulos de tese.

Respondendo assim a uma admiração de longa data dos mineiros, nosso primeiro dossiê Rouch reagia também, no calor da hora, a um acontecimento que prometia colocar em novo patamar sua recepção no Brasil: um vasto evento em torno de Rouch organizado por mim, por Andrea Paganini e por Juliana Araújo, e realizado pela Associação Balafon, de Belo Horizonte, com apoio maciço do Ministério da Cultura e de sua Secretaria do Audiovisual, secundados por vários outros parceiros. Tal evento consistiu em uma retrospectiva de 91 filmes (77 do cineasta e 14 em torno dele) que itinerou por São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e Brasília, de junho a agosto de 2009. Ele incluiu também dois Colóquios Internacionais sobre Rouch realizados em São Paulo e no Rio, e dois ciclos de conferências que os sucederam, em Belo Horizonte e em Brasília. Ele está gerando ainda o livro *Jean Rouch 2009: Retrospectivas e Colóquios no Brasil* (Belo Horizonte: Balafon, 2010, 172p.), por mim organizado, com textos de e sobre Rouch, e com detalhada documentação filmográfica e bibliográfica sobre sua obra. Num desdobramento imediato desta “Caravana Rouch”, a Associação Balafon já acertou com o MinC e com parceiros locais a itinerância de uma versão mais enxuta da Retrospectiva (com 37 filmes) por 6 outras capitais brasileiras - Salvador,

Belém, Porto Alegre, João Pessoa, Recife e Natal -, prevista para março-junho de 2010.

Este novo dossiê Rouch vem a lume depois do festim de 2009, num contexto de recepção brasileira da obra rouchiana que certamente se adensou, mas cuja transformação ainda parece cedo para dimensionar. Se é fato que os interessados em seu trabalho tiveram ou terão, nas principais capitais do país, ocasião de um amplo contato com seus filmes, e com uma discussão qualificada sobre eles, não é menos verdade que a repercussão efetiva de tudo isto em nosso meio só poderá ser medida à luz dos trabalhos vindouros (estudos, teses, curadorias, etc) sobre Rouch, o documentário em geral ou as relações do cinema com a antropologia. Seja como for, este segundo dossiê Rouch ganha neste novo contexto um sentido um pouco diferente do que o que atribuíamos ao primeiro. Se o primeiro ajudava sobretudo a ampliar o impacto e o alcance da Caravana de 2009 no seu front editorial, este retoma o paciente trabalho coletivo dos que estudavam e continuarão a estudar Rouch, para além das circunstâncias externas fornecidas pela Caravana. Se aquele se pretendia parte de um grande *evento* catalisador, este ajuda a consolidar um *processo* de recepção, que tem outra temporalidade, menos pontual e mais difusa.

Neste número, esperamos contribuir para tal processo de duas maneiras, trazendo para o debate brasileiro elementos do debate internacional sobre Rouch, e reunindo alguns textos de estudiosos brasileiros que tem discutido sua obra nos últimos anos.

Para a primeira tarefa, traduzimos aqui um ensaio publicado em 1995 na França por Maxime Scheinfeigel, autora reconhecida de vários trabalhos sobre Rouch e participante dos nossos Colóquios de 2009. Concentrando sua análise em *Eu, um negro*, Scheinfeigel discute com finura as inovações trazidas pelo cinema de Rouch ao uso da fala no cinema.

Para a segunda tarefa, reunimos aqui mais cinco artigos de estudiosos brasileiros, com procedência e enfoque variados, a exemplo do que já acontecia no número anterior. Professores em departamentos de cinema, comunicação ou antropologia, Marco Antonio Gonçalves (UFRJ), Marcius Freire (UNICAMP), César Guimarães (UFMG), Leonardo Vidigal (UFMG) e Daniela Dumaresq (Universidade de Fortaleza) completam o elenco brasileiro dos dois dossiês¹, que representa alguns dos principais pólos geográficos do debate rouchiano entre nós e cobre algumas

1. O primeiro trazia, afora cinco traduções, textos brasileiros de Henri Gervaiseau, Renato Sztutman (ambos da USP) e Mahomed Bamba (UFBA), além de um escrito por mim.

linhas de força já manifestas neste debate. Possa este número, no rastro do anterior, ajudar a incrementá-lo, aprofundando o diálogo entre seus participantes.

Tal diálogo passa aqui por questões que aproximam os textos, sem anular suas diferenças de angulação e inspiração. Assim, Marco Antonio e Marcius discutem aspectos da interação de Rouch com os sujeitos filmados, Marco se concentrando sobretudo em sua dimensão epistemológica (ao tomar a experiência sensorial e o cine-transe como formas específicas de conhecimento em Rouch), Marcius privilegiando, à luz de noções de Claudine de France e de Martin Buber, sua dimensão ética e sua natureza dialógica. Assim, Leonardo e Daniela discutem aspectos estilísticos do cinema de Rouch, o primeiro examinando o uso da música pós-sincronizada em *Batalha no grande rio* (1952), a segunda partindo da discussão baziniana do realismo para sugerir uma política da imagem no uso (ou no desejo) rouchiano do plano-sequência em quatro filmes. No fotograma comentado, breve e denso, sobre passagens notáveis de *Eu, um negro*, César articula o dado estilístico (a relação entre a imagem e o comentário *over* de Oumarou Ganda) com a dimensão política (presente na maneira pela qual o filme encena o desejo do pobre – ator e personagem).

Este volume traz ainda a tradução do comentário proferido em *over* por Rouch no seu esplêndido *Tourou e Bitti: os tambores de outrora* (1971), uma de suas obras primas incontestes, e objeto, aliás, de considerações pontuais ou mais detidas em três dos seis artigos desse dossiê.

A seção Fora-de-campo completa o volume com dois textos consagrados ao cinema contemporâneo, o primeiro de Debora Breder sobre a articulação entre corpo, sexualidade e procriação em dois longas de David Cronenberg, e o segundo de José Benjamin Picado e Julio Landim Mano sobre duas adaptações cinematográficas recentes de obras do quadrinista Frank Miller.

Mateus Araújo Silva